

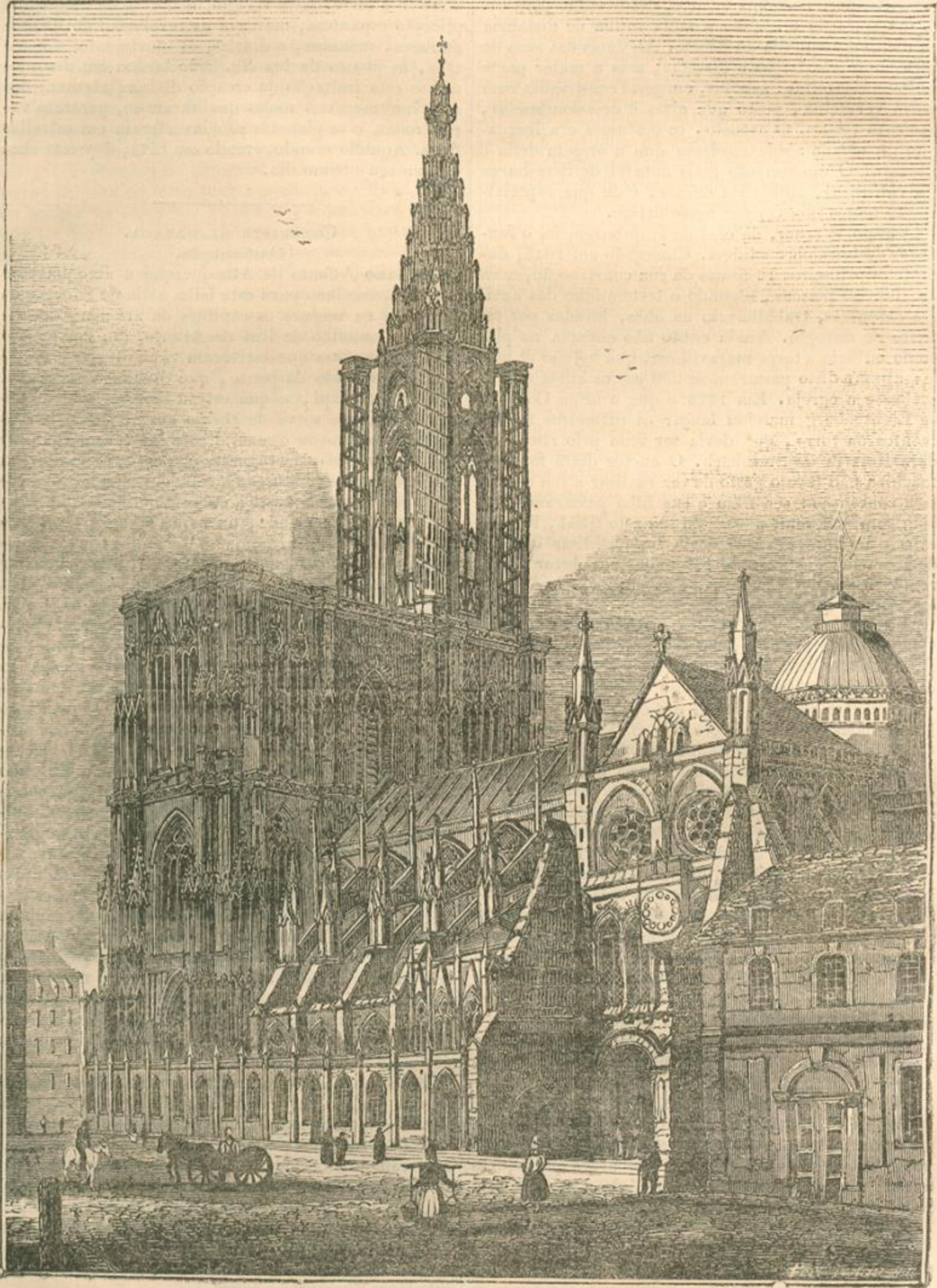
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

61) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 30, 1838)



CATHEDRAL DE STRASBURGO.

CATHEDRAL DE STRASBURGO.

STRASBURGO é uma cidade antiquissima, capital do departamento do Baixo-Rheno, e anteriormente da provincia d'Alsacia. Até o fim do seculo 17.^o era uma cidade livre do imperio germanico, gosando do privilegio de eleger as proprias auctoridades, e sendo independente de todos os principes visinhos. Conquistada em 1682 por Luiz 14.^o, ficou, pelo tractado de Riswick, pertencendo á França, desde então para cá. A sua situação é apenas a meia milha de distancia da margem esquerda do Rheno. Algumas das ruas de Strasburgo são largas e direitas; mas a maior parte dellas são estreitas: as casas, em geral construidas com pedra vermelha, posto que altas e desassombradas, parecem tristes. O aspecto, os costumes e a linguagem da cidade ainda mostram que a origem della é allemaã. O monumento mais notavel de Strasburgo é a cathedral, cuja vista damos, e de que especialmente temos que tractar neste artigo.

O bispo Werner, da casa de Hapsburgo, foi o fundador deste celebre edificio. Começado em 1015, durante os primeiros 16 annos da sua construcção, mais de 100:000 pessoas, segundo o testemunho das antigas chronicas, trabalhavam na obra, levadas por espirito de devoção. Ainda então não entrava no plano do edificio a torre maravilhosa, que hoje se vê nelle: apesar disso passaram-se 250 annos antes que se acabasse a egreja. Em 1276 é que o bispo Conrado de Lichtenberg mandou lançar os primeiros fundamentos da torre, que devia ser feita pelo risco que dera Herwin de Steinbach. O auctor desta formosa machina não teve o gosto de ver realisar a sua espantosa concepção: seu filho e sua filha passaram tambem sem poderem, apesar do seu zelo filial, levar a cabo o monumento que devia immortalisar o genio de Herwin: gastaram-se 160 annos em elevar a torre até a sua actual altura, e só em 1436 se lhe poz em cima a ultima pedra.

Obra completa dos seculos em que florescia o estylo chamado gothico, a cathedral de Strasburgo pertence toda a este genero de architectura graciosa e elegante; e é talvez o mais nobre e celebre de todos os monumentos della. A torre é a cousa mais alta que ha de todas as construcções que existem no mundo. O zimbório de S. Pedro em Roma é mais baixo seis pés, a torre da cathedral de Vienna dez; e á maior pyramide do Egypto faltam deseseis, para ser igual em altura a esta espantosa torre, cujo pináculo está a 436 pés acima do nivel do chão. Semelhante elevação é tanto mais de admirar que a torre é toda furada, ou antes rendada, desde a base até o topo, e por dentro ouca, de modo que está toda cheia de lanços de escadarias. Parece impossivel como tal montanha se possa sustentar sobre membros tão delgados e fracos. Até os duzentos pés não admira tanto, visto estar embebida no corpo do edificio; mas dahi para cima, não ha olhos que acreditem que sem milagre se tenha sustentado por tantos seculos.

Trepar até o cimo desta desmesurada machina [que até lá se póde subir] é uma empresa que tentam commetter quasi todos os curiosos que a vão ver. Em quanto se póde ir subindo pelos 635 degraus que ha desde os pés até a cabeça deste gigante de pedra; em quanto se acham pontes para atravessar os precipicios cavados nos muros da torre, não ha cobardes que fiquem atraz; mas quando se chega ao pé da cruz, que está no pináculo, acabam os degraus, e só loucos tentam ir mais acima. Para isto é necessario segurar-se por fóra, e pendurar-se em espigões de ferro, que saem do tronco da cruz: comtudo, intrepidos aventureiros tem hãvido, que se exposeram a todo o risco; e conta-se

que alguns houve que chegaram a pôr-se em pé no topo da cruz, [o qual terá quando muito quinze pollegadas de diametro] e que ahi beberam uma garrafa de vinho á saúde dos parvos, que os estavam vendo cá de baixo: o que é mais notavel é que não consta que algum dos curiosos trepadores se despenhasse de alli abaixo.

Outra curiosidade notavel desta cathedral era antigamente um relógio, que no seu genero não ficava inferior á torre. Este relógio, machina de uma complexão espantosa, marcava as revoluções do tempo-annuaes, mensaes, e diarias, os movimentos dos astros, as phases da lua &c. Não tardou em desordenar-se esta imitação da creação divina; algumas das suas innumeraveis molas quebraram-se, pararam varias rodas, e os planetas se converteram em estrellas fixas. Aquelle mundo, creado em 1571, depressa chegou ao seu ultimo dia.

CONQUISTA DE MALACA.

[Continuação.]

RESOLVIDO Affonso de Albuquerque a accommetter a cidade, escolheu para este feito o dia de Sanctiago. Reunidos na vespera os capitães da armada, decidiram por conselho de Rui de Araujo, um dos principaes portuguezes que estiveram captivos, que se atacasse pelo lado da ponte, que dividia a cidade da povoação de Upi, e que estava lançada sobre o estreito rio, que serve de abrigo aos pequenos barcos malaios: approvou o general este parecer, porque assenhoreando-se os portuguezes da ponte, cortavam em dois corpos os defensores da cidade, podendo, entrincheirados naquelle passo, ou commetter os que ficavam do lado da cidade, ou os do lado de Upi. Tomada esta resolução, no outro dia, antes de amanhecer, partiu toda a gente nos bateis, indo demandar a praia pelos dois lados do rio, e ao romper d'alva saltaram em terra. Começaram então os mouros a jògar com a artilharia, e a dar furiosas cargas de mosquetaria; mas os portuguezes, debaixo de nuvens de balas, frechas e arremessos, chegaram a appossar-se da ponte pelo lado de Upi, e brevemente o outro corpo em que ía Affonso de Albuquerque fez o mesmo pelo lado da cidade: quizeram os mouros dar nos portuguezes pelas costas, mas um troço de gente portugueza os levou por uma rua adiante, sendo obrigado a fugir o proprio rei que viera com muitos elephantes armados, os quaes os portuguezes, sem receio algum feriam. Temendo porém, Affonso de Albuquerque que os soldados se desmandassem, fez recolher todos á ponte, em cujas extremidades entrincheiradas mandou assentar artilharia, com que varejava os inimigos, que appareciam pelas ruas, que nella vinham desembocar. Era meio-dia; e tanto que começou a soprar a viração da tarde, Affonso de Albuquerque mandou lançar fogo aos paços reaes, que ficavam da parte de Upi, e aos edificios mais proximos do outro lado. Cresceu o incendio, e tanto n'uma como na outra margem, uma grande parte daquella immensa povoação ficou reduzida a cinzas.

Entretanto a noite aproximava-se, e os soldados já não podiam menear os braços; a fortificação da ponte estava incompleta. Conheceram os capitães quanto a sua situação era arriscada, e por isso instaram com o general para que, abandonando por então a empresa, se recolhesse á armada. De má vontade accedeu a isto o animo de ferro do grande Albuquerque; mas obrigado pelo clamor geral, fez embarcar a gente, e se recolheu á frota, por entre os tiros dos inimigos, que vendo retirar os portuguezes cobraram novo brio e vigor.

Recolhidos todos ás náus acharam-se setenta homens feridos, dos quaes muitos morreram, pelo terem sido com frechas hervadas. Tiveram, porém, o accordo de trazerem cincoenta peças de artilharia grossa, que haviam achado na ponte.

Abandonada esta, fortificaram-na logo os mouros com dobradas trincheiras, servindo-lhes de norma as que os portuguezes tinham começado, e de ensino a experiencia do accommettimento passado. Cubriram, além disso a praia, nos sitios accessiveis, de abrolhos hervados, para que a nossa gente se encravasse intentando desembarcar. Emfim a conquista de Malaca se tornou ainda mais difficil do que era antes da primeira tentativa.

Vendo Affonso de Albuquerque o estado do negocio, e que seria grande affronta do nome portuguez o deixar de leva-lo a cabo, o que, de mais, produziria graves damnos ao commercio da sua nação, preparou-se para de novo tentar a conquista da cidade, ou acabar na empresa. Para isto, a primeira cousa que fez foi preparar um junco que tinha tomado, o qual bem guarnecido e artilhado fosse demandar a boca do rio, até se chegar á ponte. Eram os juncos grandes embarcações da Asia com os castellos mui levantados, como ainda hoje usam os chins. Chegado o junco á boca do rio, sendo muito alteroso, não pôde passar além de um banco de arêa, que na entrada havia, e o mesmo succedeu a outra embarcação mais pequena que foi depois d'elle. Era portanto preciso que viessem as aguas vivas para aquella machina poder subir até a ponte, da qual devia ficar a cavalleiro, para assim se haver de tomar. Durante muitos dias que alli esteve o junco, esperando que as aguas crescessem com a lua nova, os malaios procuraram destrui-lo por mil modos, lançando pela corrente balsas accesas, cheias de lenha, breu, e azeite, as quaes os portuguezes que andavam nos bateis em guarda d'elle, affastavam com arpêus. Cresceram finalmente as aguas, e o junco se avisinhou da ponte. Então redobrou o empenho que os mouros punham em o queimar, além de o varejarem com a artilharia, o que pouco damno lhe causava: mas por tal modo o defenderam os portuguezes, que nunca os inimigos saíram com seu intento.

Chegou finalmente o dia do desembarque: ao tempo que os bateis vogavam para terra, com a gente escolhida para aquelle feito, o junco, subindo com a preamar, ia entestar com a ponte. Dos castellos e das gaveas, os que iam nelle, brevemente fizeram despejar as fortificações que havia do lado de Upi; mas não foi tanto a seu salvo, que o junco não ficasse atravessado de parte a parte com balas de artilharia, e muitos dos que nelle iam, feridos perigosamente. Entretanto Affonso de Albuquerque com toda a gente formada n'uma só batalha, desembarcava, apesar da viva resistencia dos mouros, na margem do rio do lado de Upi, e accommettendo as trincheiras as tomava á força de armas. Assim os mouros mettidos entre dois fogos, entre a morte, que lhes davam os tiros e arremessos do junco, e as lançadas e espingardadas dos que haviam desembarcado, viram-se obrigados a abandonar a ponte, de que tomou posse Affonso de Albuquerque.

Estava elrei Mahamed n'uma mesquita fortificada do lado de Upi, com muita gente e elephantes armados: mandou o general um troço de soldados, que o desalojassem, em quanto outros iam para o lado de Malaca tomar as trincheiras, que estavam mais proximas da ponte. Defendia-se, porém, Mahamed com tal valor, e eram tão poucos os portuguezes, que Affonso de Albuquerque foi obrigado a ir em pessoa soccorre-los. Neste ponto elle e os seus estiveram per-

didados: ao chegar a certa rua, gritou-lhe um soldado: tende-vos senhor, não passeis por aqui! — E com effeito a rua estava semeada de abrolhos e esterpes envenenados, e minada de polvora: o soldado o conheceu, por não ver nella signal de ser trilhada, sendo rua principal. Affonso d'Albuquerque, saindo dalli, chegou á mesquita, mas achou-a já tomada, pelos que primeiramente a haviam accommettido. Então, ordenando a estes defendessem aquelle ponto, voltou outra vez para a ponte, começando immediatamente a fortifica-la.

Os portuguezes occupavam já grande parte da cidade, tanto do lado d'Upi como de Malaca: pasmosa foi a rapidez com que Affonso de Albuquerque tornou a ponte inconquistavel. Ainda comtudo os mouros o incommodavam, principalmente de noite, atirando dos eirados de algumas casas visinhas; mandou, portanto o general um troço de soldados que as tomassem; feito o que, collocaram ahi alguma artilharia miuda, com que atiravam para o interior da cidade. Palmo a palmo foi esta conquistada; e só no fim de nove dias chegaram os portuguezes ao extremo della, e não houve rua ou praça que não fosse ganha á ponta de lança e de espada. Descoroçoados, emfim, os inimigos se retiraram de todo, deixando os portuguezes victoriosos senhores de Malaca.

O despojo foi immenso: entre um sem numero de armas de diferentes especies, se acharam, segundo as notas do mesmo Albuquerque, 3:000 peças de artilharia. As mercadorias e mais objectos apreendidos eram de infinito valor. Tudo repartiu o heroe da India com os seus soldados, guardando apenas algumas curiosidades, para apresentar a elrei, e seis leões de bronze para o proprio sepulchro.

Affonso de Albuquerque não era sómente guerreiro: habil politico elle soube em poucos dias restituir á cidade o seu antigo esplendor. Chamou para Malaca todos os mercadores nacionaes e estrangeiros, que della haviam fugido, promettendo-lhes paz, segurança, e protecção. Estabeleceu auctoridades portuguezas e malaias, e ordenou as cousas por tal modo, que dentro em pouco esta povoação parecia que já desde muitos annos fôra sujeita ao imperio portuguez.

A NOIVA DO SEPULCHRO:

Xacara.

Juncto da raia d'Hespanha,
Em monte calvo e deserto,
Vê-se um vulto negro ao longe,
Castello é, vendo-se ao perto.
Mas castello derrubado,
De bons tempos, de outras eras,
Hoje abrigo, escuro e triste,
De reptis e bravas feras.
Houve um tempo, em que eram bellos
Esses muros derrocados,
Que apenas sustentam heras,
E os espinhosos silvados.
A voz delrei nelle tinha
Nobre alcaide D. Sueiro;
Nobre por sua linhagem,
Nobre por bom cavalleiro.
Noivados, torneios, festas,
Ninguem sem elle fazia:
Ninguem, sem o convidar,
Ajustava monteria;
Que nunca da sua bésta
Viróte partiu em vão:
Como nunca os justadores
O viram perder o arção.

Mulher, que elle muito amára,
 Lha roubára a sepultura;
 Mas, por este golpe, o alcaide
 Não mostrou grande amargura.
 Até corria entre o povo
 Um mysterio de maldade
 Uns diziam ser mentira;
 Outros, porém, ser verdade.
 Mas o que? — cubria terra
 Esse feito tenebroso:
 E só o povo sabia,
 Ser viuvo o que era esposo.

II

Cedo se ergue dom Sueiro;
 Cavalga no seu cavallo,
 E para caçada alegre
 Passa áquem do extremo vallo.
 Por essas margens do Lima,
 Debaixo de um puró ceu,
 O nobre senhor alcaide,
 A' redea solta, correu.
 Veredas segue torcidas,
 Até descobrir o outeiro,
 O qual vestem pela encosta
 O zimbro, a urze, e o pinheiro.
 Soam sonoras buzinas,
 Ri do dia o lindo alvor,
 E no meio da paizagem,
 Uma brilha e outra flor.
 Dom Sueiro o seu cavallo
 Incita com ferrea espóra;
 Que no logar aprazado
 Deve estar dentro de um' hora.
 Nada lhe põe embaraço;
 Nem rressonantes ribeiros,
 Nem brejos apaúlados,
 Nem escarpados outeiros.
 Mas ao sair da floresta,
 Ainda perto do rio,
 Viu ir formosa donzella
 Buscando um ermo desvio.
 Celestes são seus meneios —
 Não mortal, anjo parece: —
 Da sua tez a brancura
 Alva assucena escurece.
 O seu corcel dom Sueiro
 Fez parar: — já se esquecera
 Da caçada; e que no monte
 Em breve estar promettera.
 “Dizei-me vós, oh donzella,
 Quem sois, que nunca vos vi;
 Que por minha alma vos juro
 Sois já senhora de mi.”
 Resposta nenhuma teve,
 Que ella não lhe respondia,
 E, sempre guiando ao valle,
 A curva senda seguia.
 “Não me fugireis assim: —
 Bofé que não fugireis.
 Um momento — um só momento —
 D. Sueiro escutareis!”
 Disse: desmonta; e persegue-a,
 Nos braços para a estreitar:
 Mas ella furta-lhe o corpo
 E elle abraça o subtil ar.
 “Dizei-me vós, oh donzella,
 Pela vossa alma dizei,
 De que procede tal susto,
 Que a meu pesar vos causei?”

Que pelos ceus vos seguro
 E' verdadeiro este amor.
 Não me fujais, bella dama,
 Não ha de que ter pavor.
 De esposo, se vós quereis,
 Dar-vos-hei, contente, a mão,
 Sereis dona de um castello,
 Dona do meu coração.”
 “Dom Sueiro, oh dom Sueiro —
 Tornou a dama formosa —
 Eu sei quem és, qual teu nome,
 E eu seria tua esposa:
 Mas como crer nos teus dictos,
 Dictos de homem fraudulento? —
 Conheço tuas perfidias,
 E qual é teu vil intento.
 Dês que morreu dona Dulce,
 A tua infeliz mulher,
 A linda Elvira roubaste
 Para teu ludibrio ser.
 Com promessas refalsadas
 Enganaste uma innocente. —
 Quem crerá juras de um impio,
 Que só jura quando mente?
 Ella te creu, desditosa!,
 Porém não te creio eu:
 Nem, qual de Elvira o destino,
 Será o destino meu.
 E como soffrera, esposa
 Tua sendo, uma rival?
 Folgáras tu nos meus zelos;
 Folgáras della no mal?
 Ousáras tu dom Sueiro
 A pobre Elvira expulsar;
 E dias de angustia e pejo,
 Misera, vê-la tragar?”
 “Oh, voto a Christo, que sim! —
 O nobre alcaide atalhou:
 E desfazer-se de Elvira,
 Com mil pragas, segurou.
 “Mas dizei vós, dama linda,
 Quem sois? — quem são vossos paes?
 Que eu vos direi de mim tudo,
 Se tudo me perguntaes.”
 “Nunca!” — tornou a donzella: —
 Quem eu sou não te direi. —
 Nada te devo por ora:
 Quando dever pagarei.
 Mas pódes estar seguro,
 Que, bem que nobre senhor,
 Não é que o meu, o teu sangue,
 Sangue de maior primor.”
 “Pois sim! — querida, pois sim:” —
 D. Sueiro proseguia:
 E algum signal de ternura
 A' bella dama pedia.
 “Não! — oh não! — meu cavalleiro: —
 Quando a mim te vir ligado
 Tua serei: — antes disso
 Fôra horroroso peccado.”
 “Porém dizei-me, oh donzella,
 Onde vos hei-de encontrar,
 Que, pela cruz, ahi, juro
 Nossas nupcias celebrar.”
 Oh que não será de dia! —
 Que mal de nós julgarão:
 Tornou a dama: — e os pragueiros
 Certo de mim se rirão.
 É pela noite que eu voto: —
 De noite no cemiterio,
 Quando soar dôze vezes
 O sino do presbiterio.

Sob o teixo solitario,
 Onde ninguem nos não veja;
 E aonde nunca chegar-se
 Quem passar ousado seja.”
 “Vivam meus lindos amores!”
 Interrompeu dom Sueiro:
 Sob o teixo — á meia noite —?
 Veremos quem vai primeiro.”
 “Sim:olveu ella: a essa hora:
 Nenhuma fora melhor;
 Porém, da tua palavra,
 Que me darás em penhor?”
 “Minha paixão em seguro
 Do que prometti te dou:
 Nunca promessas mentidas
 Fez quem deveras amou.
 Curvando o joelho, eu juro
 Teus grilhões sempre rojar:
 Meu corpo e alma são teus;
 E o tempo o hade provar.”
 “Basta! — a donzella lhe disse:
 Dom Sueiro, sou contente.
 São meus teu corpo e tu'alma:
 Meus serão eternamente.”
 Dicto isto, ao longo do rio,
 Ligeira a senda seguiu:
 E elle aos outros caçadores
 Alegre se reuniu.

III

Já da larga montaria
 O folgado se acabava:
 E dom Sueiro ao castello,
 Ao seu castello voltava.
 Arde-lhe na alma o desejo,
 Com as imagens do goso,
 E roe-lhe idéa damnada
 O coração criminoso.
 Infeliz e linda Elvira,
 Nos dias da juventude,
 Perdera, nos braços d'elle,
 Flor de innocencia e virtude.
 Mas gosos faceis não duram;
 Breve, apoz, o tedio chega:
 Elvira é já enfadonha:
 Novo amor o alcaide cega.
 Cumpre de si affasta-la:
 O caso difficil é:
 Ajunctará crime a crime?
 Elle outro meio não vê.
 Emfim decidiu-se: — a morte
 Em aurea taça lhe deu.
 Nobre senhor, folgar podes
 Teu crime a terra escondeu!
 Era noite: — e dom Sueiro
 Para o adro ermo partia:
 Logar, horas ou remorsos,
 Nada terror lhe infundia.
 Brilha a lua em seu crescente:
 Passa a noite silenciosa;
 E só lhe quebra o socego
 O mocho e a fonte ruidosa.
 Ao cabo o adro elle avista:
 No meio o teixo lhe avulta,
 Não deu meia noite ainda:
 A dama ainda se occulta.
 Mas troa o sino! — uma! — duas!
 Contou — contou: — mais dez são.
 E uma donzella, de branco,
 Surge da lua ao clarão.

E está debaixo do teixo: —
 Para lá o alcaide corre:
 Não enganou seus desejos
 Essa por quem elle morre.
 Porém que é isto? — Recua?
 Para traz a face vira?
 Sim! — que não era a donzella,
 Mas o phantasma de Elvira.
 “Maldicto! — clamou o espectro:
 Pune a traição o traidor:
 Negro o sepulchro te espera:
 De teu mal és só o auctor.
 Pensa, monstro, em quanto é tempo:
 Que não tardará teu fim:
 Teu nome apagou-se: — agora,
 Recorda-te bem de mim!”
 Não disse mais: — e esvaeceu-se.
 Dom Sueiro, espavorido,
 Fugiu: sem volver os olhos,
 Sem parar, sempre ha corrido.
 Brilha a lua em seu crescente:
 Passa a noite silenciosa;
 E só lhe quebra o socego
 O mocho e a fonte ruidosa.
 A' porta do seu castello
 Já dom Sueiro chegava:
 E alli, vestida de branco,
 Do bosque a donzella estava.
 “Mal-hajas tu, cavalleiro:
 Apenas o viu lhe disse: —
 O ter de mulheres medo
 E' signalada pequice.
 Fui eu que fiz de phantasma:
 Teu valor conhecer quiz.
 Tremar como tu tremeste
 E' só proprio de homens vis.”
 As faces do nobre alcaide
 De vermelho se tingiram;
 Mas voltou logo a ternura;
 Passados sustos fugiram.
 “Vinde a meus braços, querida!
 Vinde: não vos detenhais
 Digna de ser minha esposa
 Só vós sois — e ninguem mais.
 Neste sitio — hoje vos juro
 Amor firme e puro e ardente:
 Em corpo e alma sou vosso;
 Se-lo-hei eternamente.”
 “Em corpo e alma!” — Ella clama,
 Com uma voz sepulchral:
 Certo será graciosa
 Nossa união conjugal!”
 Então, qual bravo terçol,
 Que em sua presa pôz mira,
 Ao mesquinho dom Sueiro,
 Abrindo os braços, se atira.
 Arredo! — filha do inferno! —
 Grita o alcaide: — isto o que é?
 Ai! — olhou. — E' dona Dulce,
 Não a donzella, quem vê.
 Com os braços descarnados
 Ella o collo lhe estreitou;
 E os labios apodrecidos
 Aos labios d'elle chegou.
 Mortal halito de serpe
 Seu halito assemelhava:
 Sua figura era horrivel:
 Tocada apenas gelava.
 “Deixa-te agora de medos:
 Disse o espectro a dom Sueiro:
 Que é da audacia que mostravas,
 Audacia de cavalleiro?”

Tremes? — De que, assassino?
 Antes devêras tremer;
 Quando envenenaste Elvira,
 E a tua pobre mulher.
 Meu amor e meus encantos
 Pouco tempo te prenderam.
 Em mim, do sepulchro os vermes,
 Por tua mão, se pasceram.
 Depois, a amar-me tornando,
 Repetiste um crime horrivel....
 Teu amor é frouxo sempre;
 Teu odio sempre terrivel!
 Mas agora, odiada ou grata,
 Não sairei de teu lado:
 Nada quebra no outro mundo
 Dos mortos negro noivado.
 Alma e corpo me cedeste: —
 O corpo aqui dormirá;
 Porém tua alma comigo
 Mais longe se acolherá!"
 Não lhe respondeu o alcaide,
 Que a morte empallidecera;
 E, ao som de arranco profundo,
 No chão, extincto, batera.
 Mas contam'inda os pastores,
 Que á meia-noite vaguea
 Nas margens do ameno Lima,
 Que murmurando serpêa;
 E que, gritando e gemendo,
 O seguem duas figuras,
 Ambas com brancos vestidos,
 E tismadas cataduras.

NAVEGAÇÃO SUB-MARINA.

HA MUITO tempo que se fazem experiencias e ensaios relativos á navegação sub-marina. Seria com effeito cousa muito util descobrir o homem a maneira de mover um barco debaixo d'agua, sem cansaço, nem receio de morrer abafado ou afogado, e de caminhar deste modo, sem que ninguem no mundo pudesse ter o minimo indício da sua direcção, e como se fosse um tubarão, que nadasse a seu bel-prazer no seio do mar, despido de todo o receio de que o seu ruido ou os seus meneios o denunciasssem.

Se acaso continuarem os ensaios de Mr. Villeroy, e um exito completo vier coroa-los, não concebemos como as frotas ordinarias possam escapar d'uma destruição repentina; porque o inimigo se intrôduzirá illeso nos portos, escolherá muito á sua vontade o momento azado para surdir e applicar á presa as chamas que hão de devora-la, e mergulhando immediatamente, tranquillo no meio do incendio, resguardado de qualquer perigo, poderá presenciar o estrago de que foi artifice, e se por ventura a rapidez d'elle não corresponder á impaciencia dos seus desejos, sair de novo do abysmo, trazendo consigo os elementos de nova ruina, e tornar depois a desaparecer.

O baixel-peixe de Mr. Villeroy, é uma machina de ferro, que na configuração e movimentos imita um grande cetaceo; tem de comprimento perto de vinte e cinco palmos e meio, comprehendida a cauda, e de diametro quatro palmos e meio; os seus meios de locomoção consistem em quatro barbatanas, duas de cada lado, movidas da parte de dentro pelos quatro homens de que consta a tripulação. Cinco vidros, collocados d'um e outro lado da espinha dorsal, a distancias convenientes, dão passagem á claridade precisa para lêr com facilidade em profundidades mui grandes.

No bojo da machina ha um apparelho que permit-

te o deitar as mãos de fóra para fazer as manobras ou para procurar objectos caídos no fundo do mar, isto por espaço de horas, sem que entre agua na embarcação.

As immersões e emersões praticam-se com extrema brevidade, por meio d'um mecanismo interno.

Pode-se estar duas horas no fundo do mar, livre de perigo, sem vir ao de cima, e sem ter especie alguma de communicação com a superficie. Durante este tempo purifica-se o ar viciado por meio de processos extremamente simples.

Esta machina póde ser applicada, diz o auctor:

1.^o As sciencias, para fazer experiencias e observações no fundo do mar;

2.^o Ao commercio, para a pesca das perolas, do coral, e outras produções maritimas;

3.^o Á guerra, para atravessar esquadras, entrar nos portos e sair d'elles sem ser vista, manter communicações com as costas, desembarcar dellas munições &c.

4.^o Finalmente para procurar objectos no fundo do mar, e levar boias ou amarras a navios naufragados ou em perigo.

A maior difficuldade que Mr. Villeroy tinha a vencer não consistia talvez em dar movimento á sua machina, mas sim em construi-la tão solida, que pudesse resistir a grandes pressões, sem desconjunctar-se; porém d'esse immenso obstaculo triumphou Mr. Villeroy, pois o seu barco póde navegar na profundidade de trinta e um palmos e meio, que já é enorme.

Ninguem póde, sem a calcular, formar uma idéa da desmedida pressão que supportam os corpos mergulhados, a qual se não incommoda os animaes, e principalmente os peixes, é porque a organização destes entes é susceptivel de resistir-lhe [*].

Á vista disto póde-se julgar qual foi o perigo em que se viu Mr. Villeroy, n'um dia em que fazia experiencias no molhe de Saint-Ouen, na presença de um prefeito da policia. Querendo provar que tinha sabido vencer a maior difficuldade da navegação sub-marina, qual a de se conservar muito tempo debaixo d'agua sem renovar o ar do apparelho, tinha Mr. Villeroy desaparecido, havia muito tempo, acompanhado da sua companhia de tres homens. Os da policia quer fosse por estarem já impacientes, quer fosse por temerem alguma desgraça, queriam faze-lo subir á flor d'agua. Começaram a procura-lo, empregando para este fim a arma com que os barqueiros matam os afogados, que a asphyxia poupa, isto é, com o temivel croque.

Ora como procurassem o batel mergulhador batendo com os croques desalmadamente, deram em fim com elle; porém um dos croques bateu por acaso em um dos oito olhos, que formam os olhos do barco, e fez o vidro em mil estilhas. Julgue cada um qual seria o espanto e o medo de Mr. Villeroy, quando viu rebentar, com a força de sessenta libras e uma velocidade de mais de quarenta e cinco palmos por segundo, um jorro d'agua de perto de dois palmos e meio de diametro: não havia tempo a perder, e se então faltasse a presença de espirito ao engenheiro, estava perdido e os seus companheiros. Por felicidade um dos homens tinha na cabeça uma gorra, de que Mr. Villeroy lançou mão para tapar o rombo, sustendo-a com a mão pela parte de dentro, e applicando-lhe toda a força. Nesta situação perigosissima deu ordem para subir ao de cima d'agua, onde encontrou os da policia muito alheios do caso, e um pouco corridos da sua experiencia.

(*) Um barco sub-marino que tiver uma superficie de vinte e sete palmos quadrados, e se achar na profundidade de vinte e dois palmos e meio pouco mais ou menos, supportará uma pressão de cento e vinte mil libras.

MYRRHA, INCENSO, E NARDO.

O INCENSO é uma produção da Asia e da Africa, que antigamente era muito usada nos sacrificios pagãos, e que vemos hoje ainda empregar em varias ceremonias da igreja catholica. A côr desta substancia, excessivamente quebradiça, é um branco sujo. Na essencia, o incenso é uma gomma; porém misturada com uma grande porção de resina.

O unico uso para que serve o incenso, salvo o que se gasta nas festividades religiosas, é o que fazem delle os russos para preparar o couro. O cheiro particular que de si deita a moscovia, e que se julga ser o mais infallivel preservativo contra a polilha e o bolor, nasce de ser empregado o incenso nesta manufactura.

A myrrha, que, segundo vemos da Biblia, se usava commummente misturada com o incenso, é tambem uma gomma, que corre em grande quantidade de certa arvore, que cresce no Egypto, na Abyssinia e na Arabia. Posto que diga o proverbio, que a myrrha é fragrante ao provar, o gosto della é nauseabundo e desagradavel.

O nardo vinha só de regiões calidissimas: hoje achase em muitos paizes da Asia e da America do norte; mas a planta, cuja raiz é o nardo, dá-se por diversos modos, em cada uma destas diferentes partes.

Na America a planta cresce até a altura de tres pés, e produz uma especie de cerejas: na Asia porém cresce menos, e cobre-se ao pé da raiz de uma multidão de fibras delgadas, de côr tirando a vermelha.

As gomas e raizes preciosas tem hoje menos valor do que tinham antigamente; não só porque o uso dellas é mais moderado; mas tambem porque os descobrimentos modernos fizeram conhecer melhor os varios paizes do mundo, e o que d'antes se cria ser produção especial de uma região, se tem achado dar-se em muitas outras.

STRADELLA, OU A VINGANÇA.

STRADELLA [Alexandre] cuja fama não foi menos devida á sua tragica historia do que ao seu genio musico, nasceu em Napoles, pelos principios do seculo 17.^o Já tinha ganhado grande reputação em Veneza, quando succedeu ser chamado por um fidalgo veneziano para ensinar musica a uma rapariga de distincto nascimento, por nome Hortensia. Tivera esta a desgraça de fugir á sua familia para ir viver com este veneziano, em cujo palacio morava, quando Stradella foi chamado para ser seu mestre. Formosa, e com um espirito nobre, possuia, apesar do seu erro, os mais estimaveis dotes. Uma paixão mutua se acendeu nos corações do mestre e da discipula; mas esta paixão devia ser legitimada diante dos altares, e por isso resolveram-se a fugir de Veneza. Tanto que disto soube o seductor de Hortensia, cheio do mais violento furor, jurou que não se daria por vingado senão com a morte dos dois. Assoldadou por consequencia dois *bravi* dando-lhes ordem, de matarem Stradella e Hortensia, onde quer que os encontrassem. Os assassinos partiram para Napoles, suppondo que Stradella teria voltado para o seu paiz natal. Lá souberam, depois de o procurarem muito tempo debalde, que estava em Roma com a sua amante. Pediram portanto ao veneziano que lhes mandasse cartas de recommendação para o embaixador de Veneza em Roma, a fim de que este os acolhesse depois de cumprirem a sua sanguinaria missão, e tendo tomado esta cautella partiram para esta cidade. Chegando al-

li, e sabendo que uma oratoria composta por Stradella devia ser executada em certa igreja, e que nella devia cantar o proprio compositor, resolveram-se a espera-lo, e mata-lo, quando voltasse para casa, na escuridão da noite. Entraram na igreja no momento em que Stradella cantava: tal era o merito exquisito e a suavidade do seu canto, que os assassinos ficaram commovidos, e não tiveram animo de tirar a vida a semelhante homem. Esperaram-no na rua; mas em vez de o coserem a punhaladas, o avisaram dos intentos com que tinham vindo áquella cidade, e lhe aconselharam que saísse de Roma e procurasse outro lugar, onde estivesse mais a cuberto da vingança do seu inimigo. Seguiu Stradella o conselho, e partiu para Turin. Os *bravi* voltaram para Veneza e declararam ao fidalgo que tinham sabido do asylo dos fugitivos, os quaes estavam em Turin; mas que, sendo mui severas as leis naquelle paiz, e havendo por isso grande difficuldade em poderem escapar depois de commettido o assassinio, elles renunciavam a tentarem a empreza. Não deixou com isto o veneziano o seu projecto sanguinario, e buscando outros dois assassinos em quem se podesse fiar, arranjou-lhes cartas de recommendação do embaixador francez em Veneza para o embaixador da mesma nação em Turin, fazendo-os passar por mercadores a quem especulações commerciaes obrigavam a ir áquella cidade. Os assassinos entregaram as cartas, e ficaram em Turin, esperando occasião opportuna de executarem seus intentos. Entretanto a duqueza de Saboia, que era então regente do reino, sabendo a historia dos dois amantes, e vendo o eminente perigo a que estavam expostos, metteu Hortensia n'um convento, e empregou Stradella no paço, dando-lhe ahí um quarto. Passados alguns tempos foram-se desvanecendo os receios que Stradella tinha pela propria vida, e atreveu-se a ir passear pelas muralhas de Turin uma noite. No meio do passeio foi attacado pelos dois malvados, que lhe deram cada um sua punhalada, e foram depois acoutar-se na residencia do embaixador francez, como em um santuario. Soube logo a duqueza a nova deste assassinio, e, mandando immediatamente fechar as portas da cidade, exigiu que fossem entregues os criminosos; mas o ministro francez recusou faze-lo. Não foram, comtudo, mortaes as feridas de Stradella e deixaram-se fugir os assassinos para acabar com as questões que se tinham alevantado sobre os entregar ou não á justiça. Conservou porém o perseguidor do desgraçado par todo o seu implacavel odio, e continuou sempre a ter em Turin espias, que vigiassem os dois. Já havia um anno que Stradella estava inteiramente restabelecido, e como não tinham tentado contra elle nenhum novo ataque, começava a crer-se seguro. A duqueza de Saboia, que tomára grande interesse pelos dois amantes, os tinha feito casar na capella do seu proprio palacio, e parecia que a existencia futura delles seria tranquilla e feliz. Enganadora era esta esperança. Stradella tendo que compor uma opera para o theatro de Genova, partiu para esta cidade com sua mulher. Informado daquella viagem, pelos espias que tinha, e vendo que as suas victimas já não estavam debaixo da protecção da duqueza de Saboia, o veneziano mandou a Genova outros assassinos, que, certo dia, pela manhaã muito cedo, entrando de salto no quarto dos dois esposos, os apunhalaram, nos braços um do outro. Depois disto os malvados fugiram, e nunca mais houve noticias delles.

OS DUELLOS NA GROENLANDIA.

OS DA GROENLANDIA não empregam pistolas nem

espadas para desaggravar a honra; eis-aqui o singular recurso de que lançam mão:

O groenlandia offendido compõe uma satyra contra o seu adversario, e recita-a até que as mulheres e os domesticos da sua familia a saibam de cór; então annuncia publicamente que deseja encontrar-se com o seu inimigo em um sitio que para esse fim designa; encontram-se finalmente, o offendido canta a satyra ao som d'uma especie de tambor, e fazendo-lhe córo os seus amigos; lança pungentes epigrammas sobre o contrario á custa do qual procura fazer rir o publico. Chega depois a occasião deste se desforrar, e os seus partidarios não deixam de applaudi-lo; falla cada um differentes vezes, e por fim a assembléa dá razão ao que se deu a conhecer por melhor poeta, e mais mordaz.

ENVENENAMENTOS CAUSADOS PELA CICUTA.

A VERDADEIRA cicuta, também chamada cicuta terrestre ou maior (*conium maculatum*) é uma planta de quatro para cinco pés de altura, cujas flores são brancas, e cujas sementes teem estrias longitudinaes, ou regos ao comprido, que a distinguem mui bem das outras plantas umbellíferas com que poderia confundir-se. Ella cresce nos entulhos, á sombra dos muros e nos cemiterios. As suas propriedades venenosas, que um cheiro viroso e nauseabundo costuma annunciar, são incontestaveis; porém a energia do seu veneno tem sido muito exaggerada, principalmente nos paizes onde uma temperatura moderada lhe faz perder parte da força. Além disso, a cicuta maior não pôde causar engano algum, e são extremamente raros nos annaes da medicina os exemplos de desgraças que ella motivasse.

Não pôde infelizmente dizer-se outro tanto da cicuta menor ou cicuta vulgar, (*athusa cynapium*) cujas propriedades venenosas são em extremo activas, e cuja semelhança com o aipo tem sido causadora de numerosos desastres. Cumpre por tanto que a comparemos methodicamente com est'outra planta hortense; para ensinarmos a distingui-las com certeza. 1.^o *Semelhanças*: ambas crescem nas hortas, e quasi sempre junctas; são da mesma grandeza, teem a mesma configuração de folhas, as raizes semelhantes, e identica disposição de flores. 2.^o *Differenças*: de ordinario a raiz do aipo é bastante grossa, e exhala sempre um cheiro aromatico: a da cicuta menor é delgada e sem cheiro; as folhas do aipo são de cór verde amarellada, e aromaticas quando as machucam, e a hastea desta planta é gretada ou em meias-cannas: as folhas da cicuta são verde-escuras, cheiram a hervas, quando se esfregam, a hastea é cylindrica, glauca [isto é cór do mar], muitas vezes com manchas vermelhas na parte inferior. O aipo tem um involucro geral de seis a oito foliolos, um involucro regular, as flores amarelladas e as sementes ovoides quasi lisas:—a cicuta não tem involucro geral; o seu involucro é irregular e compõe-se de cinco foliolos, dois pequenissimos, e tres muito compridos; as suas flores são brancas, e os seus fructos globulosos com protuberancias longitudinaes.

Mr. Orfila fez engulir a um cão robusto uma dose de gúmo de cicuta, que o matou no espaço d'uma hora. O celebre doutor Haller esteve a ponto de morrer e padeceu cruéis dores durante uma noite inteira, por ter comido cicuta; e Nicot viu morrer um menino dentro de poucas horas, pelo mesmo motivo. Os symptomas triviaes dos envenenamentos causados por esta planta são: caimbras de estomago, modórra, nauseas, vágados, e vomitos copiosos. O rosto faz-se zulado, as extremidades esfriam, e o pulso fica vaagaroso e fraquissimo.

Logo que se conhece o envenenamento applicam-se vomitorios, sangra-se o doente, e depois ministram-se-lhe bebidas aciduladas com vinagre ou gúmo de limão, e este tractamento mui simples basta para dissipar os symptomas do mal.

As pessoas prudentes, que moram no campo, obrarão mui avisadamente se estudarem os caracteres que ficam descriptos, para differencarem a cicuta do aipo, e ensinarem ás suas cosinheiras a distingui-las; porque, como dissemos, ha poucas hortas onde não nasça misturada com o aipo alguma porção de cicuta. Ainda quando a cosinheira não for capaz de perceber as differenças botanicas, sempre terá a intelligencia necessaria para conhecer a cicuta pela sua cór verde-escura das folhas, pelo cheiro de hervas, não aromatico, e pela cór branca das suas flores.—[Ver-ville, D. M.]

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Junho 24

1158 — D. Affonso Henriques conquista Alcacer do Sal, aos mouros.

1578 — Saé do porto de Lisboa a armada d'elrei D. Sebastião para a fatal jornada de Africa.

25

1140 — Batalha de Valdevez em que D. Affonso Henriques derrotou elrei de Leão.

26

1752 — Morte do celebre cardeal Alberoni, primeiro ministro de Hespanha. Era filho de um jardineiro: o seu extraordinario talento, e varias outras circumstancias o elevaram aos principaes cargos publicos. Depois de governar a Hespanha por alguns annos com poder absoluto, caiu no desagrado e foi desterrado para Italia.

27

363 — Morte do imperador Juliano, chamado o *apostata*; porque, nascido no seio do christianismo, o abjurou para seguir os ritos do paganismo, e fez quanto pôde para acabar com a religião christã.

28

1571 — Levanta o Nizamaluco o famoso cerco de Chaul, que durou mais de sete mezes, e que não foi menos espantoso do que os de Diu. O exercito dos sitiadores constava de 150:000 combatentes, com a mais numerosa e mais grossa artilharia, que nunca se vira na India.— Os defensores de Chaul eram 1:200 portuguezes.

29

1581 — Entrada de Philippe 2.^o em Lisboa, depois de reconhecido rei de Portugal nas córtes de Thomar.

1779 — Morte do illustre pintor Raphael Mengs.

30

1546 — Tabarija, rei de Ternate, convertido ao christianismo, morre em Malaca, deixando por successor da sua corôa a elrei de Portugal.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.